

reportagem moçambique

a casa dos ladrões e do polícia

Naquele tempo, a Beira moçambicana estava a precisar de um grande hotel para receber os turistas rodesianos que demandavam a Gorongosa, os sul-africanos que se pelavam por uns dias de golfe, os passageiros e tripulantes dos paquetes que chegavam ao porto. Inaugurado no Verão de 1955, o Grande Hotel da Beira prenunciava tudo em grande. Até o fim, passadas mais de quatro décadas. Hoje, aqui vivem umas centenas de moçambicanos sem outra casa e de todas as idades, entre ladrões, pedintes e um polícia até.

Texto e fotografias de Dinis Manuel Alves



O Grande Hotel da Beira nos seus tempos áureos

Fernando Castigo ainda não era nascido por alturas de 55, nem António João, nem Ganízio. Não se deslumbraram com o clarão que iluminou a Beira moçambicana, jorros de luz debitados pelos aparatosos lustres e demais parafernália eléctrica do gigante de cimento e ferro. Era apenas um ensaio, preparando a inauguração luzidia que haveria de acontecer a 16 de Julho de 1955.

O Grande Hotel da Beira prometeu sobrevoar o cume das melhores expectativas. Setenta mil contos ou, mais chique, um milhão de libras esterlinas, dinheiro a rodos para erguer do matope o melhor da África Austral. O melhor aqui significava grande: salões imensos, corredores com fundo a perder de vista, belas varandas sobre o mar, lojas, piscina de características olímpicas, *dancing*, *boîte de nuit*. Corredores envidraçados, quatro elevadores, casa de banho em todos os quartos, revestimentos em *parquet*, à entrada oferecia-se mármore para pisar.

A Companhia de Moçambique — que já fora Majestática, havia cunhado moeda

Pela piscina voltaram *maillots* vaidosos, também os alunos da classe de natação de Madame Furtado, tão garbosos quão impotentes nas disputas travadas com os atléticos de Quelimane, estes de técnica melhor absorvida. O indomado Jorge Jardim ofereceu recepções na *boîte* de piso negro encerado, por ali pernitoou a elite que demandava a Beira por mor da sua escola de pára-quedaismo, também os que se extasiavam com os cavalos rodebianos de Martinotti.

Beberetes em honra dos participantes nos ralis aéreos e nos Concursos de Elegância e Conforto de Automóveis, muitos foram. A *boîte de nuit* chegou a regurgitar de foliões e meninas casadoiras, sob a cumplicidade das luzes veladas sabiamente desmaiadas tecto fora. O conjunto de Rubin Stein, quando se cansava de atacar o trepidante chá-chá-chá, ajudava à volúpia dos corpos prazenteiros em suar a dolência de tangos sentimentais.

A Beira colonial dos anos cinquenta afirmava-se capital do trabalho, contraponto mordaz à Lourenço Marques um tudo nada mais preguiçosa e burocrata.

caras com os três príncipes da selva que a desditosa deixara como herança? Vieram consigo no jipe, a velar a mamã, para mais tarde serem apresentados como a surpresa da noite na *boîte* do Grande Hotel.

A frequência da casa dava *statu* a jornal que a nomeasse. O *Diário de Moçambique* escarrapachava os nomes ilustres na página nobre: Joyce Manning, Caroline Sharp, Henri Huber, Cesarina Gsell, Vitoria Capelutto, Eliakim Cohen...

Cá fora grassava a malária, a câmara mandava pulverizar o interior das casas com soluto insecticida que a gloriosa máquina TIFA despejava. O barulhão da maquineta arrastava consigo formigueiro de petizes de pé nu e calções rasgados que gostavam de ver a TIFA actuar.

Cá fora, quem detestava o clarão com sabor a festa impossível para bolsos pobres e pele negra corria as persianas. Pelas frinças, o Grande Hotel continuava a impor-se, que mais não fosse através das estridências metálicas do trompete de serviço. Abafavam-se os sons alheios com o rádio de pilhas no máximo, sintonia na emissora do Aero clube da Beira. A onda

média dos 210 metros tinha noites de passar maviosos *cocktails* de melodias.

Maria Eunice não gostava de capulanas. Preferiu cetins naturais e *chiffons* para a passagem de modelos no salão nobre do hotel. A assistência apreciou as cores modernas e o corte francês, também a evolução de Maria Helena na pista, Fantasia Russa tão bem dançada.

Cá fora morria-se muito por minguar o sangue. Ninguém o queria dar, a alma corria no sangue, logo quem

o tirasse levaria a alma consigo. A custo, ou porque o medo lhes sufocava o protesto na garganta, lá concediam deixar-se fotografar, que as fotografias também roubavam a alma aos indígenas. Não havia negros na Beira, no vocabulário oficial mandava o eufemismo: indígenas. Os putos comiam com deleite amendoim assado na areia, alguns contavam pela milésima vez a glória do dia em que entraram no Grande Hotel — pelas trasei- ▶

Quem é que não se extasiava ao ver um padre brasileiro descer em pára-quadras na companhia do seu lobo-de-alsácia? E o toureiro espanhol, que teimou em tourear um búfalo?



e administrara, por sua conta, territórios de Manica e Sofala — apostara forte no empreendimento.

Com o Savoy decrépito, o turismo da Beira carecia de um hotel que oferecesse remanso de luxo aos turistas rodesianos que demandavam a Gorongosa, aos sul-africanos que se pelavam por uns dias de golfe, à oficialidade dos paquetes que chegavam ao porto e adoravam agitar a farda no frenesim das voluptuosas noites tropicais.

Mas sobrava sempre tempo para a loucura. Quem é que não se extasiava ao ver um famoso padre brasileiro dos Maristas, de nome que a história não reteve, descer em pára-quadras na companhia do seu lobo-de-alsácia?

E o toureiro espanhol, marido de Lucia Bosé, que teimou em tourear um búfalo e se saiu mal do encontro?

E o Simões caçador, que matou a leoa e se condeou de remorsos quando deu de



No antigo salão nobre do Grande Hotel, a mesa posta e a jarra de flores são hoje sinal de dia de missa pela Igreja Universal do Reino de Deus

► ras, meio escondidos na saia da mamã grande, a lavadeira.

Um dia prenderam Armando, apanhado a roubar álcool puro na farmácia. Foi fazer companhia aos plantadores de suruma. O bandido Papa-Marias era mais difícil de algemar; os brancos do jogo clandestino não se deixavam apanhar nunca.

Fernando Castigo ainda não era nascido, nem António João, nem Ganfzão, quando o Grande Hotel começou a ganhar fulminantemente. Os turistas rodésianos cansaram-se das longas horas de espera pelo batelão que transpunha a barreira de um rio Pungué sem ponte para automóveis. Deixaram de aparecer.

O Grande Hotel que nascera grande e gigante se prometia — mais dois pisos assim que a afluência de hóspedes transbordasse — nunca transbordou.

A “grande obra” passou ao depreciativo de “obra grande”.

Um hotelheiro que julgava ter faro para o negócio abriu palácio de paredes mais modestas. Chamou-lhe Hotel D. Carlos, investiu noutro tipo de fausto. Quem se albergasse ali junto ao farol do Macuti tinha direito

O Grande Hotel reabriu várias vezes. Cerimónias solenes, casamentos de gente ilustre, nada mais. A piscina fedia a água choca quando os cravos floriram na capital do império

a recepção por criados de librê, cabeleiras louras, luvas e sapatos de presilhas!

Em 1961 nasceu António João, Ganfzão também, Fernando Castigo guardou-se para o ano seguinte. Todos tinham encontrado marcado com o Grande Hotel. Precisaram esperar muitos anos, ver o seu país livre e independente, para cumprirmos o destino que lhes traçara a desdita de um dia virem a ser vizinhos.

São os três, hoje, hóspedes do Grande Hotel da Beira. Na companhia de mais duas ou três centenas de condóminos, já não há livro de registo para contar quem entra, quem sai, quem por lá morre, quem por lá mata.

“Nem pensar, não pode lá entrar, não consegue! Isso é coisa de malucos! Só se for acompanhado pela polícia.”

Preferimos a ajuda de Laura, ex-funcionária de uma ONG, desencantada com as maleitas das solidariedades nórdicas de fascínio suspeito pelos trópicos, Aconselhou-nos um menino de rua para guarda-costas, segurança, chave de entrada, o que lhe queiram chamar. Francisco, menino doente, foi o nosso anjo da guarda.

Cumprimentámos com temor as vendedoras de carvão, com medo as que vendiam bolacha e cigarro à unidade em chão que já foi de mármore, não foi preciso abrir as portas que o salão nobre já não tem. Vimos a mesa posta ao centro, toalha lavada e jarra de flores.

“Vem aqui a Igreja Universal do Reino de Deus rezar missa com a gente. Vamos poucos”, conta António João. No

sonhou com um mundo melhor, tanto que até se deixou alistar com prazer na tropa: “Andei sete anos na guerra, na Zambézia. Fui desmobilizado em 91, depois estive a trabalhar de assistente de computadores na indústria da energia.” Diz que foi mal de inveja, o que lhe sucedeu: “Um dia, uma máquina de dactilografia desapareceu lá da empresa e eu fui acusado de roubar. E afinal quem roubou foi um amigo meu que trabalhava de contínuo. Ganhava 87 contos [87 mil meticais] por mês, fiquei sem trabalho. Agora desenrasco a pedir para comer, e vivo aqui.”

— Lá fora dizem que vocês roubam, que isto aqui dentro é muito perigoso, cheio de ladrões, muito bandido...

“É verdade, tem muito que rouba, pior ainda, às vezes mata. Mas eu não. A ideia de roubar não aparece na minha memória. Até eu às vezes tenho medo de estar aqui a viver.”

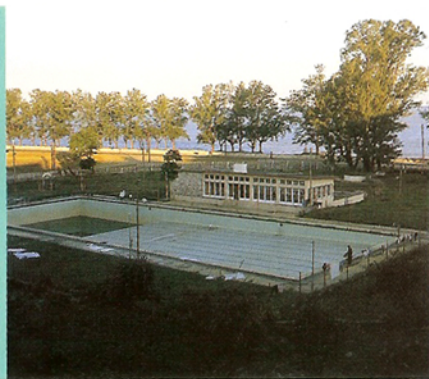
Diguinho estava a comer peixe seco, mas trocou o repasto, chamado que foi pelos *flashes* da nossa máquina fotográfica. Tem doze anos, vive com o Tomé, de quinze, e a mãe dos dois. Gosta de viver no Grande

Hotel: “Tem muito menino para brincar, é bom. Só não gosto às vezes, porque mandam merda lá de cima quando mamãe está a fazer a comida!”

Olhamos lá para cima, reparamos na árvore que cresce no terraço. Elsa é de poucas palavras, não sabe nada do Grande Hotel, só está há dois meses: “Estou em casa da minha irmã, mas vou-me embora para Quelimane.”

Lucinda dorme com o bebé no chão de uma das varandas, para quê acordá-la...

Até ganhar fama de covil de bandidos, o Grande Hotel teve sete vidas. A megalomania do projecto foi justificada com a perspectiva alimentada pela Companhia de Moçambique de que Salazar lhes autorizaria ali a abertura de um casino. Construíram ao engano. O empedernido ditador não soçobrou à força de um dos grupos mais poderosos que Portugal teve pelas colónias. Nunca autorizou o casino. Nas exposições oficiais, deram-lhe conta da abertura de uma concorrida sala de ►



tempo da missa, João não dorme. O seu quarto é mesmo ao lado, *open space* com uns barrotes a sinalizar que aqueles metros quadrados lhe pertencem. Veio do Buzé, empurrado pela guerra. Vivia numa casa de vinte mil meticais ao mês, mas a lepra tirou-lhe o trabalho:

“Ficou assim doente, não tem estudos, perdi o trabalho, agora peço esmola.”

Fernando tem 35 anos, menos um que António. Acreditou na independência,



Ganízio Alibuzi, polícia, morador no Grande Hotel, com vista para o mar

Venda de laranjas e carvão à porta do Grande Hotel



► jogos na Suazilândia, outra em Salisbúria. Que a roleta girasse pela estranha, por ali nunca. A sentença de morte do Grande Hotel estava ditada. Nem as touradas da Páscoa, com cavalos e touros vindos de Portugal; nem o pára-queda, nem a Queima das Fitas, os *Rallenty Automóveis*, o golfe, o hipismo, já nada abria o apetite a uns dias de férias na Beira.

O Grande Hotel fechou, com equipa de vigília pronta para uma reabertura a qualquer momento. Reabriu várias vezes, cada vez do tamanho de um só dia. Cerimónias solenes, casamentos de gente ilustre, nada mais. A piscina fedia a água choca quando os cravos floriram na capital do império.

Chegada a hora da Frelimo, os seus dirigentes foram solicitando aos proprietários cedências várias, para seminários, alguns congressos. Cedia-se o salão nobre e o acesso aos lavabos. Mais tarde pediram carpetes para utilizar em cerimónias realizadas noutros locais. Um dia pediram dezenas de cadeiras que não mais voltaram. Quem assiste hoje a cerimónias no salão da Assembleia Provincial da Beira é nelas que se senta.

Os três são hóspedes do Grande Hotel da Beira. Na companhia de mais duas ou três centenas de condóminos, já não há livro de registo para contar quem entra, quem sai, quem por lá morre, quem por lá mata

Mais tarde chegou uma Companhia de Polícia. Ficou a morar na ala norte do hotel. O governo de Machel mandou construir um bairro económico para alojar os guardas, as casas não deram para todos. Alguns ficaram, e os que foram entregaram as casas tipo *suite* a outros membros da família.

Em 1994 o Grupo Entreposto, que continua a operar em Moçambique, decidiu oficializar a oferta do Grande Hotel ao governo daquela ex-colónia. Ao tempo, os

polícias já se misturavam com os ladrões. Estes são hoje maioria, conta a lenda que corre pela cidade. Mas ainda por lá há várias polícias.

Ganfzio Alibuzi é polícia de bairro. Vive no Grande Hotel, em *suite* de bela vista, virada para o mar. Encontrámo-lo à civil, subia as escadas apressadamente. As calças e a camisa apuradas destoavam do roto dos grandalhões que assomaram à conversa. Nem percebemos a inconveniência da pergunta, quando o inquirimos do soldo mensal.

Um polícia não ganha para pagar a renda de uma casa? Quanto é que você ganha?

Respondeu-nos o silêncio. A primeira coisa que nos ofereceu quando entrámos em sua casa foi um reparo: "O senhor queria que eu dissesse o meu salário na frente daqueles? Isto aqui tem muito marginal, é preciso muito cuidado!" O pudor mandou-nos, desta vez, não perguntar a um polícia se tinha medo.

Ganfzio nasceu no Niassa, no mesmo ano de António João. Estudou inglês na Tanzânia, fugido da guerra: "Fiz lá a sétima classe, depois a Embaixada de Mo-

cou personalidade garbosa é hoje armazém de quinquilharias.

Lembrámo-nos então de palavras lidas a Nelson Saúte: "Minha alegria maior, qual foi? Nem sequer duvido: foi quando nos tornámos donos desta cidade. Digo: desta terra. Viram o que fizemos dos prédios? Muitos rabos nossos inauguraram o autoclismo com a revolução. Paciência, mas são nossas casas de banho."

Ganfzio abriu-nos depois a porta do que julgámos ser o quarto dos seus quatro filhos, mas que afinal guardava galos para os sacrifícios animistas que a sua religião lhe impõe. "Estou à espera que o governo me dê uma casa", diz na despedida.

Diguinho exigiu então fotografia junto com os amigos. Lembrámo-nos das crianças do Luabo, que visitáramos nessa manhã, enxame de putos orgulhosos da presença do jornalista: "Jornalista é pessoa que tem vida, vida para viver!" Frase apontada, e o putu Dione Eusébio não cabia em si de contente: "Eu fui escrito! Eu fui escrito!"

Diguinho não vai à escola, terá de pedir a um amigo que lhe leia a página do livro da terceira classe que fala dele, criança moçambicana: "Tu criança, és a esperança do futuro que brilha no teu sorriso quando estás feliz. És a certeza da nossa Pátria justa e amiga."

Fernando Castigo veio ter conosco à saída. Afinal tinha pensado melhor, e não havia problemas para a fotografia. Entretanto já tinha encontrado o cartão que lhe atestava a doença. Fernando carrega pesada sina no apelido. Coube-lhe a tuberculose pelo castigo de ter vindo ao mundo. O cartão dos SLAT (Serviços de Luta Antituberculose) arrepia pelos dizeres: nome — Fernando Castigo; morada — Grande Hotel.

Voltamos a Nelson Saúte: "Continuo à espera, na encruzilhada do nada. Talvez o destino se cruze comigo. Um dia." Vê lá que destino ainda consegues por aí arranjar, Fernando. ■

Nota: as fotografias das páginas 74-75 e 76 são postais dos anos 50/60, da colecção particular de João Loureiro/reprodução fotográfica de António Lopes.



çambique trouxe-me de volta. Continuei a estudar na zona libertada do Niassa, até que depois entrei na polícia no Maputo." Depois a Beira, o Grande Hotel, 1981. Há dezassete anos estava tudo muito melhor: "Quando o governo me deu esta casa, isto estava muito bom. Tinha luzes, tapetes, e os quartos estavam em bom estado. Depois as pessoas estragaram."

Mostra-nos a sua casa com uma ponta de orgulho. A banheira que ontem refres-

Grande Reportagem

JULHO 1998 N.º 88 2.ª SÉRIE

Editorial

Do fundo do coração

Opinião de J. M. Barata-Feyo

Opinião de Inês Serra Lopes

As coisas que se dizem

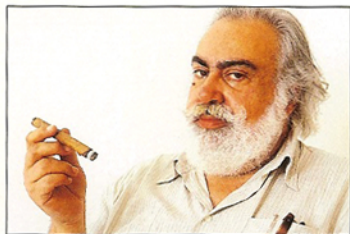
Pé de página

Cabeças de página

Fotossíntese

Entrevista

Alfredo Saramago. A paixão pela boa cozinha, os bons vinhos, os charutos cubanos, as mulheres e os touros. Uma conversa sobre prazeres que não se explicam.



Reportagem

Missão no deserto

40

MARTIM AVILFEZ FIGUEIREDO voou até ao Sahara Ocidental, onde acompanhou a missão das Nações Unidas aí estacionada. Uma reportagem entre Marrocos e a Argélia, na companhia dos portugueses que integram as forças dos capacetes azuis. Ao encontro da Frente Polisário e dos milhares de refugiados saarauís que há oito anos esperam por um referendo.

Morrer no Alentejo

52

FRANCISCO CAMACHO

Os contrastes entre o Norte e o Sul do país dificilmente são mais marcados do que no capítulo dos suicídios. Em Braga, o fenómeno é imperceptível; em Beja é devastador. Só a freguesia de Sabóia responde por quase metade dos casos do concelho com a mais alta taxa de suicídio da Europa: Odemira. As histórias do povo e os planos dos especialistas.

Sintra a ferro e betão

64

PEDRO ALMEIDA VIEIRA

Em Sintra, dezasseis anos de discussões, avanços, intrigas e recuos não levaram a Plano Director Municipal nenhum. O resultado caótico está à vista de todos, mas vem aí muito mais betão com o PDM que a maioria absoluta de Edite Estrela fez renascer das cinzas. Um caso escandaloso e que, infelizmente, não é único na Área Metropolitana de Lisboa.



Grande Hotel da Beira

74

MANUEL DINIS ALVES

Quando foi inaugurado, em 1955, o Grande Hotel da Beira, em Moçambique, prometia tudo em grande. Mas, hoje, a pérola do turismo de outros tempos está votada ao abandono e aqui se abrigam umas centenas de pessoas sem outra eira. Entre ladrões, pedintes e um polícia.



Grande Reportagem

**Morrer
no Alentejo**

**Açores,
os tesouros
submersos**

**Sintra,
o betão
prometido**



Sahara Occidental

A missão portuguesa

